

# Álbum ou Demo?

**Neste mês, vamos conversar sobre um assunto de suma importância: os álbuns dos artistas. Certamente, a grande maioria dos leitores da Backstage já ouviu falar em DEMO. Pois bem, essas quatro letrinhas servem para designar material de áudio gravado como preview (com pouca ou média qualidade). O nome DEMO remete à DEMOnstração. Para mim, DEMO soa (e sempre soou) como DEMOníaco (no mau sentido, claro).**



Ticiano Paludo é produtor musical, publicitário, músico, compositor e sound designer <http://www.pontowav.com.br/hotsite>  
tpaludo@uol.com.br

**A**cho esta designação pejorativa. Para mim, DEMO é legal para bandas e artistas iniciantes, como forma de conhecer o estúdio e os processos de gravação e mixagem. Deixei de produzi-las (as DEMOs) faz um bom tempo. Atualmente, o cliente deve me procurar se desejar produzir uma faixa, single, promo ou álbum. Se quiser fazer uma DEMO, sugiro procurar quem o faça. Comigo não rola.

Essa minha “implicância” aparentemente gratuita tem um porquê. Explico. Imagino que a esmagadora maioria de vocês nunca conheceu Jimi Hendrix pessoalmente. Nem ele, nem Björk,

mo. Normalmente, esses álbuns fotográficos têm uma determinada temática: uma viagem de férias, um encontro entre amigos, um casamento, um jantar de despedida de alguém que vai morar em outro país.

Daqui a alguns anos, quando você olhar para esse álbum ele poderá lhe trazer recordações de diversos tipos. Independentemente do tipo de recordações, esse material fotográfico será o registro de um momento que fez parte da sua vida. Olhando para trás, podemos até acompanhar nosso grau de evolução (mudanças no penteado, cor do cabelo, moda, etc.). Pessoas que não estavam presentes no momento da sessão fotográfica poderão observar as fotos posteriormente. Cada observador irá “ler” esse material fotográfico de um modo pessoal: para alguns, aquela foto “superengraçada” pode não significar nada. Para outros, uma foto de um momento de sofrimento pode despertar um sentimento de humanidade e compaixão. As possibilidades de

---

**Daqui a alguns anos, quando você olhar para esse álbum ele poderá lhe trazer recordações de diversos tipos. Independentemente do tipo de recordações, esse material fotográfico será o registro de um momento que fez parte da sua vida**

---

Madonna e os Beatles. Eu, pelo menos, infelizmente não tive o prazer de conhecer esses artistas. Não num encontro em carne e osso. No entanto, como vocês, eu conheço esse povo. O que me faz admirar (ou não) o trabalho dessa gente pode ser encontrado num lugar comum a todos: seus álbuns (ou discos, como os leigos denominam). Aliás, acho o termo álbum extremamente adequado. Possivelmente você deve ter álbuns de fotografia, em uma pasta do computador ou em formato físico mes-

interpretação são tão variáveis que ficaria impossível delimitar um “quadro geral de interpretação padronizada”.

Chegamos até aqui e você deve estar se perguntando: o que tudo isso tem a ver com os álbuns musicais? E eu respondo: tudo!!! Voltando ao começo da coluna, o que eu conheço dos artistas citados é a maneira como se expressam artisticamente e isso está impresso, registrado para sempre em seus álbuns. Por meio da audição desses álbuns eu posso me transportar para o papel de

observador (descrito anteriormente), só que em vez de ser um estímulo unicamente visual (como ocorre nas fotos) será um estímulo visual e auditivo. Sim, pois a capa do álbum e seu encarte são tão importantes quanto seu conteúdo musical. As possibilidades de interpretação irão igualmente variar, mas se o resultado sonoro for ruim, possivelmente não serão animadoras nem construtivas para o artista.

Alguns estilos musicais trabalham de forma mais rígida quanto às temáticas dos álbuns. Os chamados álbuns conceituais (presentes principalmente no rock progressivo) abordam um tema específico e o desenvolvem durante todo o trabalho. Mesmo que o artista diga que não partiu de um tema específico (como no caso de um álbum pop, por exemplo), aquele registro sonoro será um conjunto de “fotografias musicais” daquele momento em que o álbum foi produzido. Essa influência pode representar tanto o mundo/EU exterior (ações cotidianas às quais o artista estava exposto) como o próprio mundo/EU interior (o que ele sentia naquele momento em relação às temá-

**Sempre que produzo um álbum me preocupo muito com o conceito. Não apenas o conceito musical, mas o conceito artístico como um todo**

ticas abordadas nas composições). Certos artistas assumem totalmente esse caráter autobiográfico quando compõe e lançam canções. Outros dizem que a

obra nasceu ao acaso, como junção de elementos únicos, aparentemente desconexos e individuais, apenas agrupados. Eu realmente não acredito nisso. Assim como “somos o que comemos”, “somos o que tocamos”.

Por isso, para uma banda/artista que deseja ser profissional, o registro sonoro é extremamente delicado e importante. Atingimos realmente o status de artistas quando pessoas que desconhecemos por completo começam a admirar nossa obra. E no momento em que passamos para o outro plano, seremos julgados, amados, admirados ou odiados por aquilo que produzimos. Esse registro estará justamente nos nossos álbuns.

Sempre que produzo um álbum me preocupo muito com o conceito. Não apenas o conceito musical, mas o conceito artístico como um todo. Isso engloba todos os pequenos detalhes que fazem parte desse processo: a ordem das faixas, o tipo de letra utilizada na arte gráfica, as imagens, a letra das canções, os tipos de acordes, arranjo, cores, sonoridade e tessituras.

Estamos entrando numa nova era, a era do Digital Release, ou seja, dos álbuns lançados exclusivamente de modo digital, sejam via download gratuito ou download pago. Creio que a queixa constante do público de que faltam novidades no mercado seja justamente porque muitos álbuns são produzidos sem capricho, sem atenção e, sobretudo, baseados em conceitos equivocados, fracos ou até pela inexistência de um conceito. Fazer um álbum não significa encher lingüiça. Usamos essa analogia pois as lingüiças são recheadas com diversos tipos de carnes “não nobres”. Tudo bem, lingüiça é gostosa, mas não é um filé. E o filé sempre será o rei, o mais nobre e cobiçado. Ah, e o mais valorizado, também. Criar um conceito forte, agrupar e arranjar bem as canções, pen-

sar na unidade do todo (parte gráfica/visual + parte artística + parte musical) pode representar a diferença gritante entre ser lembrado ou esquecido com o passar dos anos.

**Creio que a queixa constante do público de que faltam novidades no mercado seja justamente porque muitos álbuns são produzidos sem capricho, sem atenção**

Concluindo, procure cuidar bem de todo o processo que envolve a realização de um álbum. É uma experiência única, muitas vezes exaustiva, desgastante, mas, no final, se os cuidados anteriormente mencionados forem levados em conta, você terá produzido um registro preciso e fiel de sua alma e ela se propagará por toda a eternidade. Enquanto houver CTRL V no mundo (para propagar cópias e cópias de nosso material sonoro bem acabado e lapidado) estaremos vivos, eternizados pela nossa obra.

Algumas colunas atrás, escrevi sobre o Myspace e comentei que estava realizando um remix para o grupo Salva Me (de Ilínois, EUA). O remix está pronto e deve ser lançado no Japão brevemente. Foi um trabalho que gostei muito e queria dividir essa alegria com vocês, leitores. Quem quiser ouvir o resultado do remix da faixa Dwell feita para o povo do Salva Me ([www.salvame.net](http://www.salvame.net)) pode conferir em [www.myspace.com/ticianopaludo](http://www.myspace.com/ticianopaludo).

Abraços e até...



e-mail para esta coluna:  
[tpaludo@uol.com.br](mailto:tpaludo@uol.com.br)